

FLORESTAN FERNANDES E A PROFISSIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Jacob Carlos Lima⁸

Escrever alguma coisa nova sobre Florestan Fernandes e a Sociologia Brasileira é uma tarefa difícil. Existem diversas biografias intelectuais em livros e na internet, debates permanentes sobre sua contribuição para a disciplina, além de perfis diversos do sociólogo, do militante pela democracia e pela escola pública, e do político, deputado que foi por dois mandados.

Poderia sintetizar sua biografia dizendo que sua trajetória foi um ponto fora da curva. Filho de uma empregada doméstica, tendo começado a trabalhar com seis anos de idade e estudado apenas até o terceiro ano do ensino fundamental, retornou à escola aos 17 num curso de madureza, e aos 21 anos, tornou-se aluno do curso de ciências sociais da USP. Em 1945, já era assistente do Professor Fernando de Azevedo no Departamento de Sociologia e Antropologia, iniciando sua carreira docente naquela universidade. Em 1947 defendeu sua dissertação de mestrado em Antropologia na Escola de Sociologia e Política - A organização social dos Tupinambás - e , em 1951, sua tese de doutorado na cadeira de Sociologia na Universidade de São Paulo - A função social da guerra na sociedade tupinambá-, e em 1954 assume a cadeira de Sociologia.

Um ponto fora da curva por dois motivos: sua origem social e seu acesso à elite intelectual do país através de sua inserção nos quadros docentes da USP até então com presença quase que exclusiva de oriundos dos extratos economicamente mais altos da sociedade brasileira, em que pese serem considerados progressistas ou modernizantes (Micelli: 2001); segundo, por ser um sociólogo de formação, também num contexto no qual a sociologia era ministrada por profissionais com formação diversa e que se dedicavam a sociologia, como por exemplo o próprio Fernando de Azevedo com extensa produção na área, mas que era graduado em Direito. No ano de 1964, foi efetivado como catedrático na cadeira de Sociologia, tornando-se professor titular. A cátedra fazia parte da carreira docente e significava a posição permanente em uma disciplina.

Foi aposentado compulsoriamente em 1969, juntamente com outros docentes, tornando-se professor convidado em universidades estrangeiras como Columbia e Yale nos Estados Unidos e Toronto no Canadá. Em 1977 tornou-se professor da Pós-

⁸ Professor do Departamento de Sociologia da UFSCar e Coordenador da Área de Sociologia da CAPES.

Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, que o acolheu assim como outros professores e intelectuais afastados da universidade pelo golpe militar.

Uma das características da atuação de Florestan está no que poderíamos chamar de sociologia profissional. Sua preocupação com a sociologia como ciência fica evidente em sua produção da década de 1950 voltada à teoria e ao método com a recuperação do debate com os autores clássicos e contemporâneos. Isso sem desconsiderar o aspecto crítico da disciplina no sentido de analisar os mecanismos presentes na prática social, o poder e a mudança social, a partir de métodos rigorosamente aplicados. Como militante, nunca permitiu que essa atividade contaminasse a pesquisa.

Atualizando o debate sobre a sociologia como ciência, estaríamos frente à distinção feita por Michel Burawoy, entre as sociologias profissional, crítica e pública. Para ele a sociologia profissional “fornece métodos testados e confiáveis, corpos acumulados de conhecimento, questões balizadoras, e arcabouços conceituais” sendo condição da existência e de legitimidade para uma sociologia pública. A sociologia crítica, por sua vez, “examina as fundações explícitas e implícitas, normativas e descritivas – dos programas de pesquisa da sociologia profissional” (2006: 18-9). Por fim a sociologia pública, “que traz a sociologia para uma conversação com públicos; entendidos como pessoas que estão elas próprias, envolvidas na conversação” (2006:14). Essa distinção explica a intervenção dos sociólogos através de artigos de jornais, da participação em debates públicos, e no debate político, embasado no arcabouço teórico e metodológico da disciplina. Florestan sempre fez isso, sendo que sua atuação refletiu contextos históricos distintos. Seguindo Freitag (1987) podemos destacar uma perspectiva acadêmica mais reformista até 1969, voltada à defesa da escola pública, e posteriormente uma atuação mais crítica decorrente do exílio, no combate ao autoritarismo da ditadura militar, com reflexões acerca da revolução burguesa no Brasil.

A distinção entre as sociologias, feitas por Buroway, vincula-se ao contexto norte-americano de uma disciplina nem sempre afeita ao debate de questões políticas mais gerais, mas que no caso europeu (francês principalmente) e brasileiro se diferencia pela participação dos intelectuais a ela vinculada nos debates mais gerais da sociedade. Podemos falar de uma sociologia de combate, no caso brasileiro, que marcou significativamente a disciplina no ocaso da ditadura, seguida por preocupações mais profissionais, mantendo seu caráter crítico (embora seja interessante discutir na atualidade o que entendemos por sociologia crítica).

A militância pela disciplina diferencia a atuação de Florestan Fernandes de outros sociólogos brasileiros que marcaram a sociologia, mas desvinculados da luta acadêmica por sua consolidação e por sua profissionalização, com trabalhos mais ensaísticos do que resultados de pesquisa empírica e que marcam o “pensamento

social” brasileiro⁹. Sua atuação também configurou São Paulo e a Universidade de São Paulo como o espaço de desenvolvimento da sociologia profissional a partir dos anos 1950 que, somada à Escola de Sociologia e Política, constituíram a chamada *escola paulista de sociologia*. Pesquisou e orientou sobre autores e temas variados, desde questões teóricas e metodológicas como suas análises do funcionalismo, a questão da indução em sociologia a partir de Marx, Weber e Durkheim, ensaios sobre a constituição da disciplina e sua aplicação nos anos 1950 e 1960 (Fernandes, 1976; 1970; 1978; 1973); organização de coletânea com autores de referência ainda não traduzidos como C. Wright Mills, Louis Wirth, Talcott Parsons, Karl Mannheim, Lucian Goldman, apenas para ficar em alguns (Fernandes, 1973); e temáticas como as relações raciais, industrialização e subdesenvolvimento, classes sociais, a questão da universidade e da educação, Psicanálise, a revolução burguesa, dilemas do socialismo.

A hegemonia paulista na pesquisa sociológica e na formação pós-graduada manteve-se até a década de 1970 quando a formação de um sistema nacional de pós-graduação coordenado pela CAPES, a partir da reforma educacional de 1968, que possibilitou a formação de novos centros de ensino e pesquisa em outras cidades e regiões do país. Na década de 1970 e 1980 a USP e o Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro eram os principais centros de formação e pesquisa de Sociologia do país. Situação alterada nos anos seguintes com a expansão de programas de pós-graduação e da abertura de doutorados fora do eixo São Paulo-Rio.

Para fugir um pouco da recopilação da biografia intelectual de Florestan e sua reiterada importância na sociologia brasileira, vou relatar sucintamente minha experiência como aluno na PUC-SP em 1981, onde fiz meu mestrado. Cursei a disciplina “Teoria Sociológica” e me lembro da extrema polidez e formalidade do professor com os alunos e de sua energia em sala de aula. As aulas começavam às 14 horas e iam até às 18 horas, geralmente sem intervalos e as perguntas só poderiam ser feitas no final. Nós, alunos, saíamos exaustos, enquanto Florestan parecia estar pronto para entrar em outra sala e começar outra aula. Dada a prolixidade e erudição de suas aulas, a maioria dos alunos se intimidava e poucos faziam questões. Nas primeiras aulas tentei anotar tudo o que ele dizia, mas foi impossível. Abandonei o intento, anotando apenas o que me interessava topicamente. Fui orientado, no mestrado, pelo seu ex-assistente na cadeira Sociologia I da USP e ex-orientando, o professor Octávio Ianni, que também ministrava aulas na PUC-SP e, com o final da ditadura, foi para a Unicamp. Florestan não retornou à USP com a anistia. Em 1987, deixou a vida acadêmica para tornar-se deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores, do qual foi um dos organizadores.

⁹ Isso não quer dizer que inexistia pesquisa empírica na sociologia brasileira antes desse período, mas situavam-se em projetos específicos. A diferença estaria no caráter de continuidade de formação de quadros e da pesquisa empírica como referência.

Poderia continuar discutindo sua contribuição, mas isto exigiria um tratado. Numerosas teses e livros sobre sua obra, algumas arroladas aqui na bibliografia, já fazem isso.

Para finalizar, vale lembrar que o acervo da biblioteca de Florestan Fernandes encontra-se aqui na Universidade de São Carlos, aberta a todos os pesquisadores interessados em sua obra e em Sociologia e Ciências Sociais. No curso de graduação de Ciências Sociais, Florestan é estudado na disciplina Sociologia Brasileira, assim como em outras disciplinas oferecidas semestralmente. E também que seu empenho na constituição do campo da Sociologia tem entre seus resultados o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, considerado hoje um dos melhores do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, M. A. N.; GARCIA, G. S. Florestan Fernandes, mestre da sociologia moderna. Brasília: Paralelo 15/Capes, 2003.
- BURAWOY, M. Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais, 25, Outubro de 2006 - p. 9-50
- COHN, G. “Padrões e dilemas: o pensamento de Florestan Fernandes”. In ANTUNES, R.; MORAES, R.; FERRANTE, V. (orgs.). Inteligência brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COHN, G. Florestan Fernandes e o radicalismo plebeu em Sociologia. Estudos Avançados, 19(55) São Paulo Set./Dec. 2005
- D’INCAO, M. A. (org.). O saber militante. Ensaio sobre Florestan Fernandes. São Paulo: UNESP, 1987.
- FERNANDES, F. A natureza sociológica da Sociologia. São Paulo: Ática, 1980.
- FERNANDES, F. A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica. 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- FERNANDES, F. A Sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FERNANDES, F. A sociologia numa era de revolução social. 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- FERNANDES, F. Ensaio de sociologia geral e aplicada. 3ª edição. São Paulo, Pioneira, 1976.
- FERNANDES, F. Entrevista concedida a José Albertino Rodrigues em setembro-outubro de 1983. In. Cientistas do Brasil. Depoimentos. Edição comemorativa dos 50 anos da SBPC, 1998.
- FERNANDES, F. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. 3ª edição. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- FERNANDES, F.(org.) Comunidade e Sociedade. Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo, Cia Editora Nacional- Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- FERNANDES, F. Elementos de sociologia teórica. São Paulo, Cia Editora Nacional- Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

- FREITAG, B. Florestan Fernandes: revisitado. *Estudos Avançados*, 19(55) Set./Dec. 2005.
- FREITAG, B. Democratização, universidade, revolução. In D'INCAO, M. A. (org.). *O saber militante. Ensaio sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: UNESP, 1987.
- GARCIA, S. G. Destino ímpar. Sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo: Editora 34, 2002.
- GUEDES, A.T. Florestan Fernandes e o lugar da USP na história da Sociologia no Brasil (dissertação de mestrado). Brasília: UnB, 2007.
- MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.
- MICELLI, S. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vols 1,2. São Paulo: Sumaré, 2001.
- RODRIGUES, L.S. Uma obra em sursis. Florestan Fernandes entre a academia e o partido (1969-1983). *Projeto 334 História*, São Paulo, n.38, p. 325-334, jun. 2009.
- VERAS, Eliane. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo, Cortez, 1997.